



# MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 12 | DEZ. 25



# Manifesto

*Altura, abertura e profundidade*

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

# OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 56 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 56 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Ana Maria Malik. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



Meu nome é Renato. Tenho 63 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, quiabo, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 54 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.





# OS IMANTADOS

Sou a Luciana França Bernardino. Descobri cedo demais que as secretárias das escolas não gostavam de usar o Ç, o que me obrigava a me afirmar nas chamadas, dia sim, dia também. “Luciana Franca?” “Presente. É França.” Curioso, que hoje, quando eu não poderia me importar menos que errem meu nome na espera para fazer um exame, as pessoas começaram a digitar o Ç. Talvez, junto comigo, o teclado tenha mudado. Magnética, porque histórias são feitas para serem lidas. Porque histórias existem para serem contadas.



Guilherme, muito prazer. Mas qual Guilherme? Sou tantos, incluindo o imigrante cujo nome ninguém consegue dizer. Se penso que passei a vida ridicularizando quem acredita em horóscopo, definir-me como sagitariano me soa divertidamente rebelde e maliciosamente libertador. Magnetizam-me a música, a literatura e toda forma de hibridez, tão bem sintetizada em meu signo. O que me repele são os pensamentos dogmáticos, o antropocentrismo e a ideia de pureza.



# ÍNDICE

POR QUE ELA ATRAVESSOU A RUA? <b>Luciana França Bernardino</b>	07
DEUS TE AJUDE <b>Guilherme Arruda Aranha</b>	08
DESLOCADO <b>Renato Guimarães Ferreira</b>	11
UMA FESTA INESQUECÍVEL... <b>Eliana Bianco</b>	15
MYOSOTIS <b>Paula Bessa</b>	19
O MELHOR DA FESTA <b>Ana Maria Malik</b>	20
QUASE <b>Mario Aquino</b>	23
FESTA NO CÉU <b>Sérvio Túlio Prado Junior</b>	26

# POR QUE ELA ATRAVESSOU A RUA?

- Por que ela atravessou a rua?
- A galinha?
- Não!

A vida dela mudou no dia 15 de dezembro.

Uns três meses antes, ela recebeu um e-mail do colégio. Era um convite para a festa de reencontro de 10 anos de formados. Foi à farmácia se pesar. Saiu de lá com três caixas de analgésico e uma meta: emagrecer 20 quilos. Conheceu o jejum intermitente, regulou a quantidade de água, dormiu mais tarde para ir à academia. Meta alcançada e ainda lhe sobraram duas caixas de analgésico. A economia no iFood permitiu que finalmente comprasse o vestido que tanto namorava naquela loja perto de casa. Foi ao salão, fez cabelo, unha e maquiagem. Saiu de casa se sentindo deslumbrante. Atravessou a rua para entrar no Uber, “por que eles param do outro lado?”, pensou. Foi atropelada por uma moto.

Do hospital, viu os stories. As fotos brilhavam na tela. Ela também. Sorriu.

**Luciana França Bernardino**



# DEUS TE AJUDE

Quem já reclamou daquela festa do vizinho em pleno sábado à noite levanta a mão e me diz onde te encontro, que eu vou pro outro lado. Ah, mas não é bem assim, eu sou uma pessoa séria, entro cedo no trabalho, tenho minhas responsabilidades, esses vagabundos não tem a menor consideração, vou chamar a polícia. Mas desde quando trabalhar duro se tornou qualidade e a vagabundagem, defeito? Não é difícil entender: o trabalho produz riqueza. Mas enquanto a tal riqueza se demora eternamente no afago de mãos que não são as suas, os dedicados trabalhadores se deixam enganar com pequenos elogios: fulano é exemplar, nunca chegou atrasado; beltrana é uma guerreira, trabalha doze horas por dia; sicrano é super confiável, nunca faltou no trabalho; fulana é demais, ela faz hora-extra sem reclamar. Conheço muita gente que se orgulha de dormir cinco horas por noite, de não se abater por causa de uma gripezinha, de passar anos a fio sem tirar férias, de não perder tempo com futebol, samba e poesia. Se alguém indagar sobre os dilemas da moral e o sentido da vida, essa gente apresenta o comprovante dos boletos pagos em dia e se dá por satisfeita. Mas os deuses, no entanto, não se importam com tanta fidelidade canina. Aposto que esses cãezinhos amestrados se sentiriam desconcertados, traídos e até furiosos ao descobrir que vale mais quem Deus ajuda do que quem cedo madruga, e que o provérbio original fora adulterado, domesticado, plastificado e empurrado goela abaixo de obedientes gerações. A primavera, o ócio, o beijo na boca, as aulas cabuladas, a literatura, o caleidoscópio e até o calor do sol num dia frio, tudo isso desperta muito ressentimento e ranger de dentes nos trabalhadores exemplares. O caleidoscópio, por exemplo, só pode ter sido inventado por um vagabundo: pessoas ocupadas não têm ideias como essa. Homens ambiciosos e durões fazem guerras, destroem impérios, refazem fronteiras, mas a falta de consideração de Diógenes, que só queria saber do sol da manhã fazendo festa em sua pele fria, atingiu Alexandre num ponto muito delicado. A primavera é quando ninguém mais espera e desespera tudo em flor, mas tem gente que fecha a cara com aquele jeito de coruja velha, maldiz a



algazarra das maritacas e xinga a sujeira que as flores do ipê fazem sobre a calçada, sem sequer reparar se elas são brancas, roxas ou amarelas. Já reparou na cara cansada dos funcionários exemplares com livro de ponto expediente protocolo e manifestação de apreço ao sr. diretor? Na cabeça deles as ideias marcham uma atrás da outra, como um pelotão em passo de ganso. Ao menor sinal de pensamentos nupciais – pensamentos que se parecem com um cachimbo, o cachimbo vira um navio, o navio se transforma em elefante, o elefante vira flor – eles se assustam, recuam horrorizados e pedem por decreto, em nome da família e dos bons costumes, a proibição do lirismo dos bêbados e dos clowns de Shakespeare. O direito ao ócio, que não consiste em não fazer nada, mas em fazer coisas que não constam dos manuais dogmáticos da classe dominante, deveria ser cláusula pétrea da Constituição e garantido pela CLT. Não é o trabalho que nos dignifica, menos ainda o consumo: é o ócio. Pensando nisso os gregos criaram uma instituição para que a prática do ócio fosse aprendida desde a infância, e deram a ela o nome de escola (σχολή /skholé/ ), palavra cujo significado os romanos associaram ao tempo livre de seu próprio otium. Quem diria: escola e ócio são palavras gêmeas separadas na maternidade. O sentido original de ambas, no entanto, foi pisoteado, surrado, distorcido e amestrado, adequando-se ao pragmatismo das sociedades industrializadas. Depois de uma infância saudável, o ócio perdeu sua substância ativa e criativa e acomodou-se na passividade consumista dos shoppings e das marcas de grife. A escola, por sua vez, traiu o ócio. No momento mesmo em que o prazer do aprendizado foi substituído pelo sadismo de professores e bedéis – Hey, teacher, leave the kids alone – foram as aulas cabuladas que ressignificaram as manhã dos dias úteis: uma pipa voando soberba no céu azul, uns acordes no violão, uns passos de dança e a maravilhosa descoberta de que a melhor definição de amor não vale um beijo da namorada. Pense por um minuto nos livros jurídicos, nos PDFs acadêmicos, nas normas da ABNT, nos contratos matrimoniais, nas apólices de seguro,

nas notas de rodapé, na Plataforma Lattes. Você não sente pena daquelas palavras de cenho franzido, macilentas, branquelas, sisudas, engravatadas e mais preocupadas com o rigor do conceito do que com o ritmo? Vou te contar um segredo: o sonho secreto de Hans Kelsen era ser Franz Kafka. Na literatura não há verdade fora do ritmo. E o que é uma boa metáfora se não uma sequência de palavras que, juntas, colocam a frase inteira para dançar? Se você é do tipo que chama a polícia para acabar com o ócio, com as aulas cabuladas e com os beijos na boca, se você acha o caleidoscópio mais perigoso do que um fuzil, se ainda não percebeu que é a calçada que suja as flores do ipê e não o contrário, nem tudo está perdido. Na próxima vez que seu vizinho der uma festa, toque a campainha, ofereça uma garrafa de vinho e se convide para entrar. Dionísio é magnânimo e aceita qualquer um, basta dizer a senha: a vida é uma festa.



**Guilherme Arruda Aranha**

# DESLOCADO

Som alto, muita gente circulando entre a área da piscina e a pista de dança. Os garçons, elegantes com suas camisas pretas de corte slim e calças de alfaiataria sob medida, transitavam com bandejas cheias de copos baixos e largos com whisky e gelo. A cor dourada da bebida não escondia sua idade; pelo contrário, anunciava-a. Encostado na parede da sala, vi um homem com camiseta do Sex Pistols. Estava sozinho e parecia deslocado, ainda que eu o achasse descolado. Olhava para um lado, para o outro, dando sempre uma parada no meio para fixar por uns momentos os olhos no chão. Tirava repetidas vezes o celular do bolso de trás da calça jeans apertada, olhava para a tela como quem verificava a hora e guardava de novo, para fazer o mesmo logo depois.

Não o vi trocar uma palavra sequer com qualquer pessoa da festa, nem com os garçons. Trocava, isso sim, um copo vazio por outro cheio quando os garçons passavam e fazia um leve sinal de agradecimento com a cabeça. Em silêncio.

Parecia desconfortável, passando as mãos nos cabelos e verificando o resultado discretamente no espelho da sala. E pareciam contraditórios os desejos que se intuía de seu comportamento desajeitado: desaparecer, fugir, arrumar o cabelo. Talvez achasse que poderia sair dali sem ser notado se o cabelo estivesse bem-penteado, não sei. Olhava-se no espelho e era evidente que não gostava do que via. Tudo parecia fora do lugar – a camiseta, a calça, o cabelo, as botas que comprara semana passada em uma promoção da Mundial, na Rua Direita. Eu reconheci, porque comprei umas iguais – só podiam ser. Sentia o olhar gelado de uma mulher do outro lado da sala que o olhava como se um ornitorrinco, com seu bico de pato, cauda de castor, corpo peludo e patas de lontra, tivesse invadido a festa. Ele abaixava a cabeça e tirava mais uma vez o

celular do bolso de trás da calça, fazendo de conta que não via o que via e sentia. Pouco tempo se passara desde que chegara. Mas parecia uma eternidade.

Quando tocaram MAD, do Martin Garrix, ele pareceu se animar um pouco com a batida e mexeu os lábios acompanhando a letra, que certamente conhecia. Depois parou de novo, ficou quieto e seguiu calado. Pegou mais um copo de whisky. Vi quando a aniversariante se aproximou e falou com ele – não pareciam ter intimidade, os gestos dos dois indicavam que talvez nem mesmo se conhecessem. Ou se conhecessem mal. Naquele momento, só o vi apertar-se contra a parede, a face vermelha e os olhos piscando muito, como um rato acuado. Se falou alguma coisa eu não sei. Parecia só movimentar a cabeça, esboçando alternadamente sorrisos tortos e sinais de tédio.

Ela o convidou para acompanhá-la enquanto circulava entre alguns pequenos grupos que se formaram ao sabor do vento e da música. Constrangido, ele a seguiu calado. Só ouvia trechos das conversas e constatava que definitivamente foi parar em um planeta que guardava pouca semelhança com o seu. Não se irritava, só se sentia sendo sugado para um lugar distante, onde aquelas vozes dissonantes iam diminuindo o volume até se tornarem novamente silêncio.

*“Que vinho fantástico, não é mesmo? Ele é leve, mas cheio de personalidade — logo no primeiro gole vem aquele frescor cítrico, tipo limão siciliano, misturado com um toque de pêssego bem maduro. Ele me parece perfeito para brindarmos o aniversário dessa pessoa tão especial.”*

*Onde você vai ficar? Ah, em um pequeno hotel na Rue Saint-Placide em Saint-Germain. É um hotel pequeno, a uma quadra do Bom Marché e da Grande Epicerie. Muito bem localizado, faço quase tudo a pé a partir de lá. Adoro andar pela cidade, sem necessidade de pegar taxi...”*

*“Sempre trago da Itália as cerejas silvestres ao maraschino da Fabbri Amarena. Gosto muito do seu sabor e adoro aquele pote branco com detalhes azuis tão característico da marca. Ah, eu costumava trazer, mas agora compro tudo aqui no Santa. É mais fácil, não ocupa espaço precioso na bagagem...”*

Seu deslocamento daquele círculo era tão evidente, que um abismo ou talvez um poço de areia movediça parecia ir se abrindo abaixo dele, afastando-o a cada momento um pouco mais daquele lugar a que fora por um erro tolo. Não havia nada que sustentasse seu peso e ele afundava. Aceitara um convite que não devia ter aceitado de uma colega do curso de francês – foi o que ele próprio me disse depois, quando o incêndio no quarto da aniversariante foi debelado e nós trocamos umas palavras no jardim. Um cigarro, uma porta aberta, uma cortina de seda, uma rajada súbita de vento. Deu ruim. Ou melhor, nem tão ruim assim (pelo menos para ele) – sabendo-se completamente fora de qualquer atenção, foi o único momento em que ele se sentiu bem na festa.

Mas estou desarranjando a ordem das coisas, pois antes disso eu, igualmente perdido e sem vontade de interagir com aquela gente estranha, continuava a observá-lo com interesse. Gente entupida de botox, ácido hialurônico, retinoides, peptídeos, bioestimuladores de colágeno e uma enorme quantidade de outras coisas, falando em voz alta como se a anunciar em praça pública a felicidade que não sei se sentia. Ele, jovem, com a pele firme e sem rugas, tinha um olhar envelhecido como o whisky que seguia tomando. Olhava para um lado, olhava para o outro, os gestos contidos, como se estivesse confinado em um espaço muito pequeno.

Eu já disse isso e repito: parecia incomodado. Parecia querer ir embora, mas não se lembrava do caminho que levava à porta. Enquanto não descobria, bebia para ver se aliviava, para ver se esquecia que estava ali. Fixou o olhar no lustre moderno que iluminava a mesa de vidro que fora transformada em um imenso aquário. Uniram suas bordas ao teto com plásticos grossos transparentes, criando um volume inesperado no meio da sala. Dentro dele, flutuavam formas orgânicas, fluidas e coloridas inspiradas nos cut-outs do Matisse. Era bonito, mas dava agonia – eu sentia um temor descabido de que o plástico se rompesse e que a água do aquário, que não havia, inundasse a casa, o quarteirão, a cidade inteira.

E aí veio o incêndio. Todas as atenções se voltaram para o fogo. Corremos

para o jardim. Foi quando eu me aproximei dele e perguntei: “Como é que viemos parar aqui?” Ele falou do curso de francês, eu das aulas de Pilates. E nos separamos de novo. Não voltei a vê-lo, deve ter ido embora à francesa (ou à inglesa se estivéssemos na França) ou simplesmente esgueirando-se à brasileira mesmo. A festa, com as escadas molhadas e um cheiro forte de fumaça, continuou até o dia amanhecer.

**Renato Guimarães Ferreira**





# UMA FESTA INESQUECÍVEL...

Era década de 90, quando os buffets de casamento começaram a aparecer por São Paulo e eu recebi um convite para ir numa festa onde não conhecia ninguém.

A história foi mais ou menos assim: Meu primo tinha um amigo de faculdade que ia se casar. Eram duas famílias abastadas que fariam uma festa inesquecível. Famílias grandes, muitos amigos, muito convidados, entre eles, meu primo e a noiva.

Ocorre que, faltando dois dias para o casamento, a família da noiva, por algum motivo que não cheguei a saber, se desentendeu. Brigaram, discutiram feio. E uma parte da família - a mais numerosa - resolveu não mais comparecer.

O número de convidados diminuiu consideravelmente. Assim como a alegria da noiva, que via sua festa dos sonhos desmoronar... O noivo tentou rever o contrato com o buffet, mas há apenas dois dias do evento, nada mais poderia ser alterado.

Para que não houvesse tanto desperdício, mas sobretudo para que o salão não parecesse vazio, indicando uma festa fracassada, o noivo saiu atrás de convidados. Pediu para que cada amigo de faculdade levasse mais uma ou duas pessoas.

E foi assim que eu, que nunca tinha ido a uma festa com buffet, fui parar justamente numa onde não conhecia ninguém.

Sabe aquela expressão: "Não tenho nem roupa pra isso"? Pois é... Foi um tal de procurar emprestado bolsa de uma amiga, vestido de outra. O colar de pérolas da vizinha... o sapato usei o meu mesmo. Era simples, mas ao menos não me machucava. E eu imaginava que no meio de tanto luxo ninguém iria se importar muito com o meu pé...

Consegui com a cabeleireira do bairro um encaixe para fazer o cabelo e a unha. E às 18 horas estava eu pronta, maquiada e bem arranjada, esperando a carona do meu primo e sua noiva, para o tal casamento da década...

Chegamos na igreja atrasados. Na era pré GPS, erramos o caminho. Depois, não achávamos lugar para estacionar. Quando entramos, o casamento que estava sendo celebrado não era o do amigo do meu primo. Ninguém sabia dizer se ele já tinha acontecido ou se seria o próximo. Meu primo não encontrou os amigos e como não conhecíamos nenhum dos outros convidados, não tínhamos como descobrir.

Resolvemos ir direito para a festa. Chegamos no salão e logo descobrimos que o casamento religioso ainda não tinha acontecido. Além dos manobristas e alguns funcionários da recepção, só tinha a gente lá. Meu primo queria que fôssemos esperar num bar que havia lá próximo, mas a noiva dele recusou. Primeiro porque estava reclamando do sapato que lhe doía os pés. Depois porque achou que seria muito deselegante se nos vissem saindo de um bar... (Como se alguém fosse nos reconhecer...)

Passado um tempo - que nem deve ter sido muito, mas nos pareceu uma eternidade - os convidados começaram a chegar.

A esperada festa, enfim, estava para começar. Aumentaram o volume do som.

Uma música suave preencheu o ambiente que era lindo, plenamente decorado com flores. Um casarão com vários salões, com diversos ambientes.

Cumprimentamos as pessoas com aquele sorriso amarelo de quem não se conhece e procuramos um lugar mais isolado para nos sentarmos.

E logo apareceu o primeiro garçom com uma taça de champagne. E depois, mais outro. E mais outro...

Abriram uma sala com uma mesa central cheia de petiscos, que seriam a entrada antes do jantar. Tudo em pequenos recipientes individuais. Copinhos com legumes, patês e torradinhas, caldinhos, tortinhas... Me lembro bem de um camarão enorme, equilibrado na beirada de um potinho com um creme amarelo dentro... achei super exótico... Podíamos nos servir à vontade. Era muito luxo e muita fartura. A noiva do meu primo avisou: não comam muito porque ainda vai ter jantar e depois sobremesa...

Era tudo muito tentador e eu estava com fome, mas resolvi deixar espaço para o que estava por vir.

Então no salão ao lado a banda começou a tocar. A música ficou mais animada e as pessoas foram convidadas a dançar.

Durante todo esse tempo, os garçons não paravam de passar entre nós, trocando taças vazias por outras cheias. Vinho, espumante, wisk, tinha de tudo! E ainda nada da comida...

Assim, incentivados pelo álcool e mais familiarizados com a festa, começamos a dançar. Primeiro mais comedidamente, depois um pouco mais animados, até que vieram as músicas de carnaval e um trenzinho feito por um cordão humano já corria pelo salão.

De repente, veio lá do outro lado um vozerio mais alto. Um empurra, empurra. A turma do deixa disso apareceu, mas não resolveu. O que nos chegou aos ouvidos é que alguém mexeu com a mulher de outro alguém, que foi tirar satisfação. O tal não gostou das ofensas que ouviu e partiu para as vias de fato. Todo mundo já meio alterado com o álcool. Ninguém sabia quem tinha começado, pois a briga era generalizada. Todo mundo batendo em todo mundo. E a gente atônito assistindo a tudo sem saber o que fazer.

De algum lugar surge alguém com uma garrafa quebrada em punho e sangue nas mãos, atingido pelos estilhaços. Meu primo quis entrar na confusão para defender um amigo. Sua noiva quis impedir que ele fosse. Eles brigaram. Ela atirou a aliança de noivado longe. Depois se arrependeu. Enquanto todo mundo brigava, meu primo, a quase ex-noiva e eu engatinhávamos pelo salão tentando encontrar a aliança perdida.

Então eu vejo, num canto, chorando sozinha, com o vestido sujo de sangue, a coitada da noiva. Quase chorei junto com ela... A polícia chegou, as coisas se acalmaram e voltamos pra casa. Com aquele gostinho estranho na boca de decepção... Imagina os doces?

**Eliana Bianco**



# MYOSOTIS

Rua estreita. Carros parados em cima das calçadas. Portaria com acesso de pedestres completamente desassistida. Música alta, como se o condomínio desistisse de existir. Um salão de festas envidraçado. Laços de fita larga lilás, delicadamente amarrados por toda parte. O teto forrado de bexigas moldadas em flor, da mesma cor. Muito mais de cem pessoas sob o brilho dessa decoração, e, no centro da operação, a dona da festa, completamente embriagada, dançando com toda autoridade. Para agradá-la, repetiam a mesma música. *Step It Up* virou trilha e instrumento. Quando a perdiam, tocavam o refrão para reencontrá-la entre laços que já começavam a se desfazer e cair sobre as cabeças. A madrasta tinha cuidado de cada detalhe e, agora, falava para acalmá-la: “Chamaram a polícia e estão rebocando alguns carros. Mas fica tranquila. Se não tem polícia, não é festa de verdade. Isso vai ser inesquecível.” Garoa fina. Todos os convidados do lado de fora. Luzes vermelhas refletiam as sirenes. Guincho, reboque. Moradores satisfeitos nas janelas, como quem assiste a um espetáculo merecido. Briga no meio da rua. Amigas segurando cabelos para que não encostassem na sarjeta. E, no chão, laços lilás pisoteados, misturados às solas dos coturnos dos policiais que não paravam de chegar. No dia seguinte, durante uma cerimônia de reavivamento da memória, o trágico acidente na pista: Ayrton Senna batia contra o muro. Ao lado, na cabeceira, um frasco de perfume embrulhado para presente e um cartão bem mal-informado dizia: feliz aniversário!

**Paula Bessa**



# O MELHOR DA FESTA

Já que as pessoas são diferentes, cada um espera da festa o que consegue. E não é novidade para ninguém que o melhor da festa é esperar por ela. Uma vez no local, com decoração, catering, trilha sonora já instalados, de repente depende do dia em que cada um de nós está para gostar ou não do que aconteceu. E isso vale, naturalmente, para quem organiza a festa e para quem vai (convidado ou “penetra”). Salvo em raríssimos casos, e exceto em histórias de ficção com mais frequência, para quem trabalha na festa, ela é um trabalho...não uma festa! Mas tudo depende das circunstâncias...

Outra festa que costuma ser considerada como uma obrigação é a chamada festa da firma, vulgo *happy hour* profissional e/ou confraternização. Na verdade, confraternização significa unir irmãos e, portanto, deveria ser a tradução mais direta do termo festa. No entanto, com frequência é uma circunstância temida, vista como obrigação. Às vezes, relacionada às comemorações do final do ano; outras como parte de manuais de liderança ou de gestão, que recomendam a criação de vínculos entre colegas. Chama a minha atenção o fato de que pessoas que fugiam desses eventos, em função das mudanças de contexto, podem vir a se tornar animadas defensoras do modelo. O que levar, o que esperar, o que vestir, o que (não) fazer, como comentar??? E na organização, onde fazer? Num local público ou no lar de quem convida (ou convoca)? Mas chamam de festa! Conheço gente que compra roupa para essas ocasiões. Aliás, independente de qual seja o *dress code* adequado.

Outra circunstância que chamam de festa é a festa infantil. Que é para quem? Para a criança? Os pais? O resto da família? Eu me lembro de uma festa para a qual os pais contrataram o personagem favorito do aniversariante e quando ele chegou este saiu correndo, chorando de medo. E ficou o contratado sem saber o que fazer, os convidados interessados na mesa de comes e bebes, parte da



família tentando consolar a criança e convencê-la a voltar para a festa, outra parte tentando salvar a festa junto aos convidados e o caos instalado. Sem contar que hoje há muita gente intolerante a isso e àquilo, alérgica, proibida pelos pais de experimentar algumas das tentações disponíveis na mesa. Então, o que fazer? Já vi, inclusive em manuais de etiqueta (pois é, ainda existem), se é o caso de ter comidas e bebidas voltadas aos pais (como álcool e alimentos mais elaborados). Ou seja, afinal, para quem é a comemoração????

Claro que não há dúvida de que a festa de pets é para os seus donos, atualmente tutores. Ainda bem que esta saiu de moda, embora eu ainda veja alguns desses animais, de diferentes espécies, com acessórios de griffes, daquelas internacionais e conseqüentemente muito caras. Tenho visto sorvetes, chocolates e outras guloseimas feitas especialmente para animaizinhos, que para festas são comprados em quantidades consideráveis. E nessas ocasiões, claro, há que dispor de quantidades de consumíveis para os orgulhosos “pais de pets”. Só me pergunto onde os convivas arrumam tempo para tanta celebração.

Mas eu fui convidada para algumas festas de verdade, de gente de verdade, de gente querida de verdade. Numa delas havia a sugestão de trajes temáticos (como era de 50 aninhos, 50 anos atrás usava-se roupinhas dos anos 1970). Claro que no meu armário ainda tenho roupas dessa época, quando eu já era (quase) adulta, pelo menos fazendo faculdade. Uma amiga disse que no seu armário ela tinha echarpes que ainda lhe serviam, mas no meu, coisas da época que ainda dá para usar. Poucas, por causa do comprimento.

Lição apreendida, está no momento de reciclar algumas coisas, principalmente porque não consegui estar presente ao evento. Mas houve consumo de meias brilhosas (de *lurex*?) que faziam menção a uma novela da época, dos dias dançantes (*Dancing Days*, para quem não tem essa referência, perfeitamente dispensável, mas tão divertida). E óculos, alguns dos quais com armações facilmente usáveis até hoje. E outra, ainda de anos redondos, sessentinha no caso. Sem sugestão de traje, com algumas surpresas (para mim) agradáveis entre os convidados, com mesa e bar fartos. Muitas conversas, muitos (re)encontros.

Uma atração especial deixou todo o coletivo muito encantado: um cover de Raul Seixas, que quase não precisaria ter tido trabalho, pois todos os jovenzinhos presentes (acho que o aniversariante e alguns amigos de sua cônjuge eram os mais novos entre os assistentes) cantaram a plenos pulmões todo o repertório. Poucas vezes o “Toca Raul” foi tão adequado. E preciso esclarecer que a primeira vez em que ouvi (e entoei) esse mantra foi há menos de 10 anos e era para uma banda jovem de verdade. Acho que sou um pouco retardada de referências. Possivelmente o álcool que já tinha circulado ajudou na composição do coral. Como era festa diurna, a lei do silêncio não era empecilho para a diversão nem para a música.

De fato, às vezes o melhor da festa é esperar por ela. Mas outras vezes o melhor é vive-la, com intensidade. Estar lá. Sem se preocupar com o que se fala ou se cala. Com de que forma se está vestido. Festa de amigos, ou com futuros amigos, quando se vai como penetra. Às vezes as lembranças da festa, os comentários, com mais veneno ou com atitude mais positiva, são o melhor, ou seja, o melhor é o que hoje se chama *after*. Ou, para mostrar uma referência mais atual, é a resenha!

**Ana Maria Malik**



# QUASE

Tomamos o ácido ainda na porta, antes de tocar a campainha.

Um gesto simples, combinado, como quem atravessa um limiar sabendo que não volta exatamente igual. A casa nos recebeu com luz morna e vozes múltiplas. As máscaras já estavam lá; não como fantasia, mas como condição.

No começo, tudo parecia apenas um pouco mais intenso. As cores respiravam. Os sons tinham bordas. Minha esposa apertou minha mão e sorriu como se dissesse fica perto, embora logo depois tenha se afastado, dissolvida na festa.

Ou multiplicada.

Eu a via em fragmentos: um riso, um jeito de inclinar o pescoço, o movimento preciso dos ombros. Às vezes reconhecia. Às vezes duvidava. O ácido tornava cada certeza excessiva demais para ser confiável.

Foi então que alguém me tocou o braço.

O gesto era conhecido. Não o toque, mas o intervalo entre o toque e o recuo. Olhei. Máscara clara, olhos claros. Não perguntei nada. Segui.

O corredor parecia mais estreito do que lembrava. As paredes pulsavam devagar, como se acompanhassem nossa respiração. Entramos num quarto sem palavras. A porta fechou com um som que não parecia som, mas um acordo.

Ficamos frente a frente.

A máscara escondia o rosto, mas não o ritmo. Havia ali um corpo que me conhecia. Que sabia quando parar. Quando esperar. Quando avançar. Pensei: é ela. Logo depois pensei: isso não significa nada.

No toque, a dúvida enfraqueceu.

Não pela intensidade, mas pela precisão. O ácido desfazia os contornos, mas não inventava memórias musculares. Aquilo não era novidade. Era repetição transformada.

Por um instante, tive medo de tirar a máscara dela. Não queria confirmar. A confirmação parecia mais frágil do que a dúvida.

Em vez disso, encostei a testa na dela. Máscara contra máscara. Respiração reconhecível. A sensação clara, quase tranquila, de estar no lugar certo, mesmo sem saber explicar por quê.

Quando saímos do quarto, a festa continuava intacta.

Vi minha esposa perto da janela, conversando. Ela me olhou. Não surpresa. Não curiosa. Apenas um olhar que se encaixava no meu.

No caminho de casa, o ácido já se recolhia, como o mar depois da maré alta. Ela dirigia. A mão dela encontrou a minha no câmbio, naturalmente.

— Foi estranho — ela disse.

— Foi — respondi.

Ficamos em silêncio por um tempo. Depois, quase como quem não quer dizer nada importante, ela completou:

— Acho que fui eu.

Não disse. Tenho certeza.

E eu não pedi mais.

Mas naquela noite dormimos com uma intimidade antiga, intacta. E ao fechar os olhos, tive a sensação serena, quase sólida, de que, apesar de tudo, apesar das máscaras, do ácido, da casa respirando.

Nunca estivemos com mais clareza no mesmo corpo.

**Mario Aquino**



# FESTA NO CÉU

Sendo eu sapo,  
sou de ambições batráquias,  
me pertenço.

Ágil nas evasivas manobras,  
da terra ao ar,  
do ar à água,  
tocaia é sempre cobra.  
Mais que anfíbio, comando.

Irmãos que tenho,  
guardo-lhes respeito.  
São de mais aceitável convivência, eu sei.

Deram-nos como espécie  
o nome grego temos,  
eco do seu próprio som, ancestral,  
nas sombras,  
nos charcos.

Mesmo elas,  
com suas delicadas pernas  
e o seu conveniente trato,  
elas mesmas,  
o convite da festa também não receberam.



Volátil insulto!  
Ao céu, como eu,  
não podem ir!

Mas como não?  
Urdidura, estratégia é o que eu tenho a me valer a feiura.  
Há de se encontrar uma maneira...

Vejo ele ali, um dos Cathartidae.  
Vultuoso, careca, sinistro.  
Prepara-se para ir.  
Ele e sua caixa de cordas e vibração.

É minha chance.  
A distração, o salto,  
o silêncio imóvel antes do voo.



**Sérvio Túlío Prado Jr.**

INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES



  
**MAGNETICA**

